

# O CORPO-PROSTITUTO NOS CONTOS DE GASPARINO DAMATA

Dorinaldo dos Santos Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar em um conjunto de seis contos presente na obra *Os solteirões* (1975), de Gasparino Damata, as representações do conceito corpo-prostituto. Proposto por Nascimento (2019a), este conceito operacional, desenvolvido para análises literárias, dialoga com estudos e etnografias (antropologia, sociologia e psicologia social), sobretudo, com as pesquisas de Perlongher (1987), Souza Neto (2009) Santos (2016), Barreto (2017). Desse modo, propomos uma interlocução com eixos de discussão produzidos por diferentes áreas das Ciências Sociais, os quais são relevantes e orientadores para a compreensão do fenômeno da prostituição masculina do ponto de vista sociocultural. As análises evidenciaram que o corpo-prostituto representado nos contos envolve múltiplas práticas de monetização do corpo jovem masculino envolvido em relações de poder (FOUCAULT, 2017) e trocas com personagens homossexuais mais velhos, tais como: casos eventuais rentáveis; a prática do gigolonato; e a prostituição institucionalizada no mercado do sexo. Em todas essas práticas há entre os sujeitos envolvidos cruzamentos e tensões relacionados a questões de gênero (a centralidade da masculinidade hegemônica) e às disparidades de idade e de nível socioeconômico.

**Palavras-Chave:** Gasparino Damata. Corpo-prostituto. Conto. Homoerotismo.

## THE MALE PROSTITUTE BODY IN GASPARINO DAMATA SHORT STORIES

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze in a set of six short stories present in the work *Os solteirões* (1975), by Gasparino Damata, the representations of the male prostitute body concept. Proposed by Nascimento (2019a), this operational concept, developed for literary analysis, dialogues with studies and ethnographies (anthropology, sociology and social psychology), above all, with research by Perlongher (1987), Souza Neto (2009) Santos (2016), Barreto (2017). Thus, we propose an interlocution with axes of discussion produced by different areas of Social Sciences, which are relevant and guiding the understanding of the phenomenon of male prostitution from a sociocultural point of view. The analyzes showed that the male prostitute body represented in the stories involves multiple monetization practices of the young male body involved in power relationships (FOUCAULT, 2017) and exchanges with older homosexual characters, such as: profitable eventuais cases; the gigolo practice;

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: dori.s.n@hotmail.com.

and institutionalized prostitution in the sex market. In all these practices, there are crossings and tensions related to gender issues (the centrality of hegemonic masculinity) and disparities in age and socioeconomic level between the subjects involved.

**Keywords:** Gasparino Damata. Male Prostitute body. Short story. Homoerotism.

### O corpo (do estudo) em apresentação

Na literatura Ocidental, em épocas e nacionalidades diferentes, a representação da prostituição masculina é uma recorrência. Há obras de vários escritores nas quais jovens personagens do sexo masculino monetizam seus corpos intercambiando sexo e companhia por dinheiro, bens materiais e/ou simbólicos com homens, geralmente, mais velhos e com condição socioeconômica mais privilegiada, embora tratados como abjetos no âmbito erótico-sexual. Nesse sentido, podemos citar autores como: Abel Botelho, Julien Green, Pier Paolo Pasolini, Alberto Arbasino, Jean Genet, Samuel Steward, Witold Gombrowicz, John Rechy, Gore Vidal e Christopher Isherwood. Na literatura brasileira de expressão homoerótica (nosso recorte de pesquisa), além de Gasparino Damata, há vários outros escritores, como: Samuel Rawet, Darcy Penteado, Aguinaldo Silva, João Gilberto Noll, Silviano Santiago, Marco Lacerda e Marcelino Freire, os quais, excetuando apenas os dois últimos, já desenvolveram mais de uma vez narrativas com enredos centrados em rapazes que se prostituem<sup>2</sup>.

O termo corpo-prostituto, proposto em estudos anteriores (NASCIMENTO, 2019a; 2019b) e aplicado neste trabalho, foi pensado para funcionar como um conceito operacional em análises literárias que estabelecem diálogo com as Ciências Sociais interessadas em investigar o fenômeno da prostituição masculina. Em relação à formação lexical do termo, a inserção do hífen tem o propósito de produzir um substantivo composto (processo de composição por justaposição), de modo a desfazer a condição de

---

<sup>2</sup> Há trabalhos (NASCIMENTO, 2019a, p. 56-82; 2019b) com caráter panorâmico acerca das representações do corpo-prostituto em textos ficcionais na literatura brasileira.

adjetivo da palavra “prostituto”, que, estando ao lado de “corpo” (sem hífen), serviria como referência aos dois gêneros: o corpo prostituto masculino ou feminino. Por outro lado, ao propormos o termo como substantivo composto (com hífen), buscamos assinalar o gênero como marcador do sujeito masculino que se prostitui, o que é categoria fundamental para análise. Além disso, adotar o vocábulo “prostituto” como forma de posicionamento investigativo contraria a uma ordem histórica e social falocêntrica, que impôs ideologicamente ao longo do tempo o uso do termo “prostituta” com toda carga estigmatizante ao ser feminino concomitante ao apagamento do termo no masculino (“prostituto”).

Esse conceito operacional tem o objetivo de contemplar a multiplicidade de práticas e de sujeitos que monetizam corpos, de modo que o corpo-prostituto possa abarcar um espectro plural de indivíduos, tais como: bagaxa<sup>3</sup>, garoto de programa, boy de programa, michê, prostituto, gigolô, acompanhante e *toy boy*, representados em textos ficcionais. Basicamente, o termo serve a três usos e aplicabilidades: a) designação ampla para referir-se a uma ideia abarcadora para todo e qualquer sujeito engajado no negócio do corpo monetizável; b) designação pela relação de sinonímia para referir, por substituição, a cada um dos sujeitos específicos que mercantilizam seu corpo; c) e designação que busca evidenciar uma relação de separação entre as instâncias pessoal e profissional (do sexo) para os personagens, por exemplo: “*enquanto* corpo-prostituto (na condição)” e “o corpo-prostituto *de*” (determinado personagem).

Neste trabalho, nossa hipótese é a de que na obra *Os solteirões* (1975), de Gasparino Damata, em quatro contos: “Muro de silêncio”; “O inimigo comum”; “O voluntário”; “A desforra”, o conceito corpo-prostituto romperia com as categorias já conhecidas da prostituição, tendo em vista pesquisas sobre o mercado do sexo, oriundas, sobretudo, da antropologia, sociologia e psicologia social (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2016;

---

<sup>3</sup> Os bagaxas aparecem documentados em discursos médicos desde o período oitocentista, quando eram nomeados “bagaxa passivo profissional” ou “uranistas profissionais”. O personagem Bembém, do livro “O menino do Gouveia” (1917?), de Capadócio Maluco, acentuadamente efeminado, retrata bem um estereótipo da figura do bagaxa (FIGARI, 2007).

BARRETO, 2017). Nestas, não se investiga, por exemplo, figuras como o gigolô e o *toy boy*, pois, o foco é voltado para as práticas dos garotos de programas em seus vários territórios de prostituição (em ruas, nas saunas, boates, em espaços virtuais). De outro modo, no mesmo livro de Damata, nas narrativas “Paraíba” e “Módulo lunar pouco feliz” há representações minuciosas acerca do universo da prostituição masculina em espaços diferentes (“cinema de pegação” e na rua).

Este trabalho organiza-se do seguinte modo: além desta apresentação, no primeiro tópico, apresentamos o escritor Gasparino Damata e suas obras; no segundo tópico, evidenciamos, sucintamente, os eixos de discussão fundamentados em pesquisas das Ciências Sociais acerca do fenômeno da prostituição masculina; em seguida, partimos para a análise dos seis objetos literários em duas partes, de acordo com os tipos de corpo-prostituto; e, por fim, as análises finais do estudo.

### **O autor d’Os solteirões e outras obras – o *leitmotiv* damatiano**

Gasparino Damata (1918-1982), escritor e jornalista, teve sua profissionalização na Marinha em bases navais do Nordeste no início da década de 1940. Em meados de 1943, ingressou na Marinha Mercante Internacional, durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1948, trabalhou no cais do Rio de Janeiro, onde radica-se em definitivo. Essa experiência do autor como marinheiro aparece, de modo intrínseco, nas suas narrativas. Sem exceção, todas as obras do escritor exploram (em maior ou menor grau) o cenário e/ou os sujeitos do universo da Marinha, tornando-se, assim, um grande *leitmotiv* na obra de Damata.

Na novela *Queda em Ascensão* (1951), estreia do escritor, segundo o ensaísta britânico, Robert Rowes (2010), um livro “semiautobiográfico”, a trama ocorre a bordo de um navio durante uma guerra, relatando a ambígua “amizade” entre o narrador, um marinheiro brasileiro, e um soldado americano, na ilha de Ascensão, território britânico no Atlântico Sul. Na coletânea de contos *A sombra do mar* (1953), segunda obra, já indiciado pelo título, reaparecem personagens da marinha; no conto “O capitão grego”, por exemplo, um marinheiro se sente objeto de desejo do capitão, mas, apesar de

seus receios, volta ao cais para o navio. Em “Carl”, conto inédito presente em *Histórias do amor maldito* (1967), retomando o cenário do cais do porto, o núcleo narrativo transcorre no encontro entre o narrador, um marinheiro que perambula à deriva pelo porto de Santos, procurando trabalho como embarcado até encontrar em um bar o personagem Carl, jovem dinamarquês, completamente embriagado, forçando o ato sexual com ele.

Na última obra publicada por Damata, a compilação de contos *Os solteirões* (1975), quase todas as narrativas completam esse quadro recorrente (sete de oito). No conto “O voluntário”, o Corpo de Fuzileiros Navais carioca é núcleo narrativo central na trama. Em “Muro de silêncio” um jovem fuzileiro naval manteve um “caso” por algum tempo com o Doutor Sampaio. No conto “O inimigo comum” o protagonista é um aposentado da Marinha que apresenta um relato de um capitão de uma embarcação naval de guerra, assim como suas memórias com seus parceiros marinheiros acerca de uma atracagem no Recife. O protagonista do conto “Fábula”, o jovem Luciano, abandona a Escola Naval a contragosto do pai. Em “O crucificado” há duas passagens em que o narrador descreve como paisagem adjacente à conversa entre os protagonistas um navio-escola em funcionamento. Até no conto *Paraíba*, que se desenvolve em um “cinema de pegação”, há uma menção a um marinheiro no relato do narrador-personagem e a presença de uma expressão lexical de uso marítimo (“safa-onça”), reutilizada por outro personagem do conto “O inimigo comum”.

Esse aspecto recorrente da obra de Damata inscreve em diálogo com a “história da homotextualidade na literatura brasileira”, pensada por Denilson Lopes (2002). O crítico aborda em seu ensaio/mapeamento o destaque a algumas obras que marcam a imagem do marinheiro e sua ambiência exclusivamente masculina, desde a pioneira narrativa de extrato naturalista *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha (1895) até a ficção de Caio Fernando Abreu, na novela “O marinheiro”, em *Triângulo das águas* (1983) ou “A hora do aço”, no livro *Ovelhas negras* (1995). Para Lopes (2002, p. 127-128), “O marinheiro encontra ainda eco na figura do estrangeiro onde quer que ele vá, dentro da ficção contemporânea, seja pela deriva de corpos e sexualidades na ficção de João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho, seja na solidão de contos de Silviano Santiago e Caio Fernando Abreu”.

Convém lembrar que a associação entre vida marítima e homossexualidade tem um lugar já bastante marcado no imaginário *gay* internacional, de Jean Genet, Kenneth Anger aos desenhos de Tom of Finland ao desenvolverem por meio de diferentes expressões artísticas a fetichização do marinheiro no espaço da homocultura. Nesta, no contexto da contemporaneidade, segundo Lopes (2002) a conexão entre homoerotismo e o fetiche do marinheiro hipermásculo encontram ressonância na atmosfera marcada por *voyeurismo* e culto do corpo que têm nas *barbies* suas representações máximas.

No contexto dos anos 1960, o autor soube entrar no jogo de negociações e estratégias de produção lançando duas ousadas e pioneiras antologias: *Histórias do amor maldito* (1967) e *Poemas do amor maldito* com Walmir Ayala (1969), da chamada “Coleção Maldita”. Desse modo, ele consegue, não pelo confronto ostensivo naquele momento, como bem elucidada o termo “maldito”, ensaiar diante da pesada censura vigente, um movimento tímido de uma possível liberdade *gay*, ainda que sombreada de culpa. Pode-se dizer que Damata conseguiu ser um antologista bem-sucedido, pois sua primeira compilação foi reeditada em plena vigência do AI-5 e a sua antologia mais popular, saindo do homoerotismo, *Antologia da Lapa* (1965), reunindo escritores e artistas diversos compondo uma miscelânea de memórias, poemas e ficções acerca do mítico e boêmio bairro carioca, pelo sucesso de público ganhou uma reedição em 1978 com novo título *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*, e postumamente uma terceira edição em 2007.

Configurações do corpo-prostituto – eixos de discussão<sup>4</sup> e representação literária

A prostituição é um território subversivo à ordem socialmente instituída, por isso, a condição de marginalidade, estigmatização e vulnerabilidade do corpo-prostituto. Segundo Preciado (2016), o corpo-prostituto, ao ocupar a posição de um trabalhador sexual atuando como mercadoria para o consumo sexual de outro, representa um “subproletariado invisível sem estatuto legal e sem carta de cidadania” (PRECIADO, 2016, p. 16).

---

<sup>4</sup> O aprofundamento dos eixos de discussão é desenvolvido no texto: “Anterior à transfiguração literária: o corpo-prostituto na cultura” (NASCIMENTO, 2019a, p. 33-46).

Atualmente, um dos ramos mais lucrativos da indústria do sexo, podendo ocorrer em espaços abertos, fechados e virtuais, a prática da prostituição masculina sempre apresentou diferenças hierárquicas de valor e de prestígio, expressas em designações como: “baixa prostituição” (a de rua, “banheirão”); “média prostituição” (saunas e boates); e “alta prostituição” (com serviços de acompanhantes de luxo), segundo o antropólogo Victor Barreto (2017).

Independente da modalidade de prostituição praticada e do recorte temporal, é consensual entre estudiosos da prostituição masculina (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2016; BARRETO, 2017) a centralidade da masculinidade enquanto objeto de prestígio e de capital erótico-sexual a ser vendido pelo corpo-prostituto. Dessa forma, esse corpo-prostituto não vende apenas um corpo másculo (desejável, consumível e mercantilizável), pois essencialmente comercializa, de modo simbólico, uma hipermasculinidade que coaduna com o modelo patriarcal representado pelo macho dominador, dotado de virilidade e de potência sexual, expressão maiúscula da “masculinidade hegemônica”, conforme (re)pensado pela cientista social australiana Raewyn Connell em alguns trabalhos (CONNELL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Esse corpo-prostituto hiperviril entra no jogo de encenação incorporando um padrão rentável para ele, o qual, sem abrir mão dos protótipos corporais, gestuais e discursivos da masculinidade nos moldes hegemônicos, no âmbito relacional, impõe para si diante de outrem ao passo que expressa a constituição de uma identidade masculina configurada sob o estado permanente de regulação, vigilância e provação. Diante disso, refletindo relações de poder por meio dos papéis sexuais, o ânus como zona erógena (a ser penetrada ou não) assume enorme centralidade para parcela considerável dos prostitutas, que, em nome da preservação do *status* masculino hegemônico, repele o sexo anal passivo. Por outro lado, no negócio da prostituição masculina, o tamanho avantajado do órgão genital do corpo-prostituto assume forte relevância, muitas vezes garantidora de êxito para quem se lança nesse mercado do sexo, no qual o pênis de grandes proporções torna-se objeto de valor e forte capital erótico no agenciamento de desejos dos sujeitos pagantes pelo sexo. Estes frequentemente costumam objetificar e fetichizar, reduzindo muitas vezes a existência do corpo-prostituto ao seu

pênis maiúsculo (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2016; BARRETO, 2017).

O interesse e a busca por uma masculinidade rude (e jovem) por meio da figura do “macho de verdade” fantasiada sexualmente por homossexuais que desejam relacionar-se sexualmente com homens mais rústicos, “sujos”, configuram um choque de classes. Dizemos isso, pois no encontro entre garotos de programa, em sua maioria desprivilegiados socialmente, e clientes de classes sociais mais favorecidas – marcado pela assimetria de poder de ordem econômica – podem emergir manifestações de uma face criminosa e delinquencial, culminando em roubos, extorsões, chantagens e atos violentos praticados por alguns prostitutas (FARIAS, 2013).

Embora seja corrente essa situação entre sujeitos homossexuais idosos e corpos-prostitutos aproveitadores, devemos enfatizar que há um jogo de poder – um profícuo espaço de exercício de micropoderes no nível do cotidiano (FOUCAULT, 2017) –, movimentando as trocas na dinâmica relacional entre os sujeitos coparticipantes no negócio do sexo dentro das várias modalidades de prostituição (corpo-prostituto gigolô e acompanhante, por exemplo). Para que haja tal jogo de trocas entre garotos de programas e clientes (na rua, em saunas, dentre outros espaços) que se configura, sem dúvida, em um encontro de estranhos com o propósito de engajar-se numa atividade sexual, faz-se necessário um acordo entre eles. Desse modo, estabelece-se entre as partes envolvidas uma espécie de “contrato”, pacto informal via discurso oral, previamente negociado para efetivação do programa: os serviços sexuais, zonas erógenas envolvidas, local e condições monetárias e extramonetárias (PERLONGHER, 1987).

O dinheiro aparece no discurso do corpo-prostituto como o principal objetivo da prática da prostituição. Contudo, um olhar mais arguto para os atos e as falas informais proferidos pelos garotos, segundo etnógrafos, indicam que perpassam e conectam-se a outros vieses que não apenas o meramente econômico. Para Perlongher (1987), a prostituição também figura como espaço de legitimação de transgressões das interdições de ordem moral e cultural, cuja visão é endossada por Barreto (2017). O pesquisador Souza Neto (2009) lança uma interpelação sobre o fato de a prostituição constituir uma forma de alguns homens legitimarem um desejo homossexual latente,

mesmo que inconscientemente; havendo aqueles que usam a prostituição como desculpa – “isso é apenas trabalho” – para viver uma relação homossexual de outra forma intolerável a eles.

É consenso que os corpos-prostitutos são um grupo heterogêneo com diversas experiências, motivações e identidades, por isso, há uma multiplicidade de fatores que os influenciam a ingressar no mercado da prostituição. Similar ao que apontou Barreto (2017) em relação ao agenciamento dos prostitutos que vai além das motivações de ordem monetária, Perlongher (1987), reconhecendo a preponderância do efeito desencadeante da necessidade, chama-nos a atenção para a “vontade” do sujeito que se prostitui. Além disso, ele aponta para a sua dificuldade, como pesquisador, em identificar com precisão a motivação principal do corpo-prostituto para se inserir no negócio do sexo em virtude do amálgama que envolve necessidade e vontade.

De todo modo, para grande parte dos garotos de programa a prostituição é uma atividade regular (principal fonte de renda), que demanda um nível de profissionalismo e de organização de tempo, ao mesmo tempo em que requer certa disciplina e aprendizagem. Além de envolver uma espécie de “pedagogia do trabalho sexual”, segundo definição de Santos (2016, p. 200) em referência a “um conjunto de práticas, códigos, regras, gestos, rituais que devem ser aprendidos, incorporados e reproduzidos”. Ou seja, é necessário o desenvolvimento de maneiras e de abordagens para a realização satisfatória do ato que deve atender às exigências do cliente.

Por fim, o corpo-prostituto também se lança no processo de nomadismo (desterritorialização), transitando e deslocando-se motivado pelo trabalho sexual. Essa configuração de movimento operado pelo corpo-prostituto é denominada por Perlongher (1987a) como: “pulsão nomádica”, a qual, segundo ele, é basilar no negócio do sexo “por vezes triste, mas sempre dinâmico, um impulso de fuga. No caso dos michês, fuga da família, do trabalho, de toda a responsabilidade institucional ou ainda conjugal” (PERLONGHER, 1987, p. 63).

### **Acompanhantes, gigolôs e *toy boys***

A análise dos objetos literários tem como ponto de partida o conto “Muro de silêncio”, terceira narrativa da obra “Os solteirões”. Nele, o narrador em terceira pessoa relata que, durante dois anos, um jovem fuzileiro naval pobre manteve, às escondidas, encontros sexuais regulares, semanais com o Dr. Sampaio, um senhor advogado, no apartamento deste. Há elementos prototípicos da constituição física que configuram o jovem como corpo-prostituto. O personagem “tinha físico bonito, de atleta” (DAMATA, 1975, p. 34) nas palavras elogiosas do advogado. A juventude e os atributos físicos másculos, atléticos do marinheiro podem ser lidos como trunfos erótico-sexuais de um rapaz moldado pela masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), que a utiliza, não para as práticas da prostituição convencional, mas, para obter, igualmente, ganhos materiais e financeiros de homossexuais mais velhos, de maneira clandestina.

O papel do dinheiro como mediador do caso monetizável entre os personagens aparece no discurso do narrador duas vezes. Na noite da aparente despedida, ao notar a falta de entusiasmo do fuzileiro, o advogado pensa que o jovem: “Não lembrava o mesmo indivíduo contraditório, ardente aparentemente descomplexado, que naquele festival semanal de prazer desempenhara sempre papel secundário, pouco honroso, por *dinheiro*, prazer puro e simples de se entregar a outro homem, ou o que fosse” (DAMATA, 1975, p. 44, grifo meu). Esse discurso indireto livre revela a posição ambígua do fuzileiro. Pressionado pela heterossexualidade compulsória, o rapaz, casado e pai de um filho, além de manter uma vida dupla, durante os encontros sexuais semanais – funcionando como uma espécie de acompanhante –, demonstrava um comportamento dúbio (na percepção de Sampaio) ao entregar-se ao sexo com outro homem. Ele não deixa isso claro: se agia assim por força do próprio desejo ou pela motivação monetária; ou as duas razões (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; BARRETO, 2017).

Os encontros entre os personagens ocorriam de forma regular, agendados por telefonemas do rapaz que aparecia no apartamento com pontualidade e prontidão (critérios comuns para os sujeitos engajados no mercado do sexo), conforme diz o narrador: “o fuzileiro (era pontual, e para ele

[Sampaio] isso significava tudo)” (DAMATA, 1975, p. 33). No desfecho da narrativa, o endereçamento do dinheiro ao filho do fuzileiro naval, assim como o fato do advogado ser convidado por “amizade” para ser padrinho do filho do jovem acompanhante monetizável os lançam, enfim, nos jogos da homossociabilidade.

A representação do corpo-prostituto ganha matizes diferentes no longo conto “O voluntário”, quinta narrativa da coletânea em análise. No interior das interações e relações de poder de um Corpo de Fuzileiros Navais, na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, membros militares superiores e recrutas entram no jogo de trocas envolvendo sexo e benesses materiais e financeiras. O núcleo central do conto gira em torno do apaixonamento do sargento Leocádio pelo recruta Ivo – cobiçado pelos sargentos –, que inicialmente se mostra refratário às investidas e aliciamento do seu superior hierárquico. Apesar da resistência do jovem, o sargento “continuava a dar discretamente em cima do garoto, levando a coisa com muita paciência, *disposto a gastar os tubos* para tê-lo nem que fosse uma vez” (DAMATA, 1975, p. 68, grifos nossos).

O intercâmbio de interesses, desejos e poder (FOUCAULT, 2017) entre os dois personagens se concretiza mais claramente quando, depois de muito tempo, Ivo, com o objetivo de fazer carreira na Marinha, procura a intermediação e influência do sargento para lhe arranjar um emprego. Leocádio, mesmo sem poder para tanto, chega até a acenar com falsa convicção a possibilidade do recruta viajar para os Estados Unidos por meio da instituição militar – um sonho acalantado pelo jovem, nunca concretizado. O jogo de trocas se efetiva com Ivo cedendo ao convite do sargento para saírem e, posteriormente, terem uma relação sexual. Desse modo, o jovem assumindo a posição de um acompanhante com fins erótico-sexuais. A situação se concretiza, a despeito da ressalva do jovem em não permitir ser penetrado sexualmente pelo sargento na tentativa de preservar a sua masculinidade hegemônica.

Após esse episódio, a narrativa avança no tempo apresentando os dois personagens morando juntos. Por outro lado, eles estão no ápice de uma crise e rompimento do relacionamento devido à descoberta da traição de Ivo com uma mulher. Durante o conflito, o jovem marinheiro critica os “vigaristas

da Cinelândia” numa referência direta aos garotos de programas que explícitamente monetizam seus corpos por dinheiro e ainda cometem práticas escusas; e, com orgulho ferido, provoca ao afirmar que homens como Leocádio (homossexuais mais velhos) superestimam rapazes desonestos que os exploram financeiramente. As verbalizações de Ivo tratam de um conjunto de práticas de negociação que envolvem trocas entre sexo e obtenção de objetos materiais, passando por jogos de aproximações pela via da camaradagem que resultam em favorecimentos diversos até o ato da prostituição *stricto sensu*, evidenciando diversas práticas do corpo-prostituto.

Se o fuzileiro Ivo é acusado pelo parceiro traído e enraivecido (de forma justa ou não) de aproveitador, interesseiro ao morar e ser sustentado de alguma forma por ele, no quarto conto do livro: “O inimigo comum” o jovem Otávio mantém de maneira explícita um relacionamento com um idoso sexagenário abertamente baseado em um sistema de trocas no qual o rapaz está inserido no gigolonato. Conceitualmente, enfatizamos que o gigolô é o corpo-prostituto em outra configuração pelo fato de envolver não apenas sexo e dinheiro/vantagens materiais simbólicas, mas também um papel de parceria dentro de uma relação pactuada. Historicamente, o gigolô remonta, na cultura grega, o *hetairekos*<sup>5</sup> (LEÃO, 2009, p. 298) e, em contexto anglófono, possui equivalência na designação *kept boy* (SCOTT, 2003, p. 14), que numa tradução livre é uma espécie de indivíduo masculino mantido por outro sujeito financeiramente bem-sucedido e/ou em condições materiais mais favoráveis.

O narrador traduz bem o tipo de relação estabelecida entre os personagens, marcada por cruzamentos e diferenças de idade (jovem/velho), de condição socioeconômica (aposentado/desempregado) que resultam em uma parceria sem compromissos afetivos mútuos e nem perspectiva de durabilidade. Pragmaticamente, eles estão juntos porque um possui juventude e beleza e o outro uma estabilidade financeira. Há entre os

---

<sup>5</sup> De acordo com Leão (2009, p. 298-299), no caso da hetairia, o parceiro sustentava a pessoa (*hetairekos*) da qual recebia favores sexuais, mantendo com ela uma relação mais próxima e estável e aparentemente menos sujeita à promiscuidade e ao descontrolado. Por isso, difere do  *pornos* ou *perporneumenos* (relações sexuais casuais e efêmeras por dinheiro).

personagens uma espécie de “jogo da adoção” (MOTA, 2014) por meio da qual além da intimidade do sexo, há a “fantasia de afetividade”, bem como procura-se manter vínculos subsidiados por benefícios. O idoso, após a contrariedade de esperar até tarde da noite na praça pelo rapaz e se compadecendo da angústia de Otávio pelo encontro frustrado com uma garota, deixa claro que jovem não o terá por muito tempo e que ele precisa encontrar alguém capaz de lhe agradar. Daí a interpelação do idoso assumindo-se no papel paternal, ao dizer: “[...] Sem ter quem tome conta de você, quem faça as coisas pra você. Exigente e cheio de luxo como é, não vai ser fácil” (DAMATA, 1975, p. 62).

O relato acerca do personagem idoso evidencia o lugar social do velho homossexual e sua condição abjeta de sujeito deserotizado, descrito no conto como “cheio de banhas” e cujos “movimentos eram lentos e pesados como os de um elefante decrépito de circo que só espera pela morte” (DAMATA, 1975, p. 61). Para tentar escapar do processo de exclusão, o personagem idoso “adota” o jovem Otávio, que segundo narrador: “era extremamente vaidoso [...] as mãos largas e descaídas diriam ser sinal de quem possuía pênis grande e bonito. E na verdade possuía, nos mictórios públicos e em bares, mais de uma vez fora abordado por bichonas velhas que lhe ofereceram vantagens” (DAMATA, 1975, p. 54). Nota-se aí, a centralidade da genitália avantajada do rapaz, capital simbólico falocêntrico capaz de atrair homossexuais dispostos a financiá-lo de alguma forma. O pênis maiúsculo torna-se um marcador supervalorizado e prestigiado no jogo de trocas entre os personagens não apenas na modalidade do gigolonato, mas em outras práticas do corpo-prostituto (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2016; BARRETO, 2017).

O corpo-prostituto representado no conto “A desforra”, a sexta narrativa da coletânea, contempla a figura do *boy boy*. O termo é uma expressão de língua inglesa de uso contemporâneo, sobretudo no âmbito da homocultura, que faz referência a homens geralmente muito jovens e considerados atraentes pela aparência física. Seus mantenedores, ao possuírem poder monetário elevado, os tratam como “brinquedo” moldável aos seus desejos/fantasias no sentido de compor uma parceria socialmente “feliz”.

O personagem Laércio é emblemático enquanto corpo-prostituto *toy boy*. O rapaz reúne elementos capitais como juventude e aparente masculinidade hegemônica, pois, é um jogador de futebol “com belas coxas lisas e bem torneadas, o sexo volumoso” (DAMATA, 1975, p. 113); com um “corpo fenomenal” (DAMATA, 1975, p. 139) e se subordina docilmente ao poder do seu mantenedor, o rico dentista Ferreira, que transita na alta sociedade carioca da época com amigos abastados e influentes. O coroa, apreciador de artes plásticas, além da odontologia, pratica a sua filosofia de vida sem nenhum pudor ou reserva, sintetizada pelo narrador na afirmação de que ele “só acreditava no prazer comprado, isto é, garoto que topava exclusivamente por dinheiro, ou vantagens altas, que sabia tirar partido da situação, tudo feito com o máximo de sinceridade, sem hipocrisias [...] nada de ‘eu te amo’ e coisas parecidas” (DAMATA, 1975, p. 142).

A lógica de Ferreira se dava no processo de converter rapazes pobres com características mais rústicas em objetos-troféus apresentados ao círculo mais íntimo de amizades. O termo conversão não é fortuito, já que ele tinha preferência pelo tipo de garoto “moldável” (termo repetido na narrativa) e/ou “bonzinho” o qual se adequava aos seus comandos e domínio como um brinquedo humano financiado sempre a sua disposição até se enfadar dele e trocá-lo por um outro. Na condição de *toy boy*, Laércio submetia-se, assim, a uma constrangedora objetificação ao viver em uma “prisão de luxo”, tratado como um: “bicho de estimação”, como se ele fosse “um embrulho que a pessoa deixa num canto e que depois volta para apanhar, certa de que ninguém tocou ou levou para casa (DAMATA, 1975, p. 113-134, *grifos nossos*).

Em troca, “o dentista o cobria de presentes, levava-o a jantar em restaurantes caros, ao teatro e a bons cinemas” (DAMATA, 1975, p. 113), além de lhe proporcionar uma vida despreocupada de trabalhar; oferecendo-lhe roupas de grifes; uma rotina de acordar tarde; ir à praia diariamente. Para conquistar esse conjunto de benesses e vantagens, o jovem corpo-prostituto da narrativa submetia-se, aparentemente, a contragosto o papel sexual de passivo, o que lhe gera uma crise identitária de masculinidade, posto que ele teatraliza a figura do homossexual que se relaciona sexualmente com

homossexuais por dinheiro ou bens materiais (*gay for pay*<sup>6</sup>) – inclusive, gaba-se por ser sustentado por bichas. Ao passo que o seu mantenedor o ironiza: “São espinhos do *ofício*, meu caro” (DAMATA, 1975, p. 136, grifo meu).

### **Garotos de programa: no cinema de “pegação”, na rua e em domicílio**

A questão da masculinidade é um ponto nevrálgico vivenciado pelo anônimo narrador-personagem, protagonista do conto “Paraíba”, primeira narrativa do livro. Ele é um operário da construção civil, migrante nordestino e garoto de programa que se prostitui clandestinamente em um cinema de “pegação”, na Cinelândia, Rio de Janeiro. Inicialmente, há um diálogo entre o narrador-personagem e o outro garoto de programa, Zé Orlando, por meio do qual o protagonista defende sua identidade masculina heteronormativa ao se prostituir com homossexuais ao reconhecer-se e proclamar-se como sujeito da masculinidade heterossexual viril. Depois, assumindo a voz em primeira pessoa, o personagem narra em detalhes todo o *modus operandi* e as experiências enquanto corpo-prostituto no cinema de “pegação”.

Há uma espécie de “roteirização” do sexo monetarizado feita pelo personagem garoto de programa, indicando, assim, que o personagem garoto de programa precisa adotar nesse universo singular da prostituição uma espécie de “pedagogia do trabalho sexual” (SANTOS, 2016) para que obtenha êxito naquilo que se propõe a fazer. Primeiro, ocorre a apresentação/exposição do corpo-prostituto aos possíveis olhos desejantes, cena na qual são mobilizados agenciamentos eróticos que permitem com que corpos interessados em intercâmbios sexuais – nesse caso mediados por dinheiro e/ou outros tipos de bens – atraiam-se, reconheçam-se e afetem-se, conforme ilustra o momento em que o protagonista, com a pasta debaixo do braço, furtivamente fuma seu cigarro em um canto do cinema. Depois,

---

<sup>6</sup> De acordo com a historiadora Florence Tamagne (2013) no capítulo “Mutações homossexuais”, presente no livro *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*, o qual trata de questões sobre “masculinidades pós-modernas”, a origem da expressão *gay for pay* remonta ao contexto da indústria pornográfica voltada para o público gay. Segundo a pesquisadora: “Com a profissionalização, o pornô gay se tornou mais impessoal. Muitos atores eram heterossexuais e só aceitavam participar desses filmes por dinheiro (*gay for pay*).

acontece a aproximação do pretense corpo desejante, sucedido da conversa entre os sujeitos interessados, momento de negociação e pactuação que resulta em um tipo de “contrato” (PERLONGHER, 1987a), acordo informal feito pelo discurso oral, que é quando são estabelecidas as condições da transação, conforme nos diz o garoto de programa: “[...] o cidadão encosta, puxa conversa, e quando a gente se entende [...]” (DAMATA, 1975, p. 11).

O corpo-prostituto analisado afirma também permitir que o corpo desejante que o paga pelo aluguel do seu corpo (ou de partes dele) “se sirva”. Essa linguagem rude do personagem (de matriz popular), para indicar a partir do verbo *servir* a utilização do pênis no sexo oral, é produtiva, pois traduz um modo grosseiro que reflete a sua visão machista e homofóbica, mesmo na posição de objeto de uso sexual. Dessa forma, embora esteja em uma posição de objetificação para o pagante, o outro, segundo sua compreensão masculina hiperviril, ocupa uma posição inferior, seguindo o raciocínio de que nenhum “macho de verdade” que faz felação em outro é valorizado por isso. É como se ele dissesse, “se sirva de mim, mas isso não afeta a minha ideia de masculinidade”, já que o outro está utilizando o órgão genital do sujeito viril numa posição considerada por ele como subalternizada e afeminada.

No segundo conto da coletânea: “Módulo lunar pouco feliz”, há uma rede de homens que vivem exclusivamente da prostituição, todos desterritorializados (PERLONGHER, 1987), identificados pela origem geográfica (Pernambuco, São Paulo, Rio grande do Sul) e dentre eles figura o anônimo corpo-prostituto, com apenas dezoito anos, protagonista da narrativa, que viaja em função do seu trabalho sexual. Além de narrar pequenos fragmentos da infância do personagem e de resgatar episódios dele enquanto corpo-prostituto de rua – na “baixa prostituição” (BARRETO, 2017) –, o conto possui como núcleo dramático uma difícil noite do personagem em busca de programas na região da Cinelândia.

O jovem e lupenizado corpo-prostituto, além de ser um contraexemplo às ações marginais<sup>7</sup> frequentemente praticadas por outros

---

<sup>7</sup> O subtexto da trama do conto envolve o assassinato de um cliente homossexual pelo crime de enforcamento, cuja suspeição aponta para um dos garotos de programa de rua que se prostituía na região da Cinelândia e orbitava o círculo de interações da vítima.

boys de programas (FARIAS, 2013) adota um *modus operandi* diferenciado do seu sexo rentável. O anônimo garoto de programa de rua, que vive exclusivamente do trabalho de natureza sexual, mostra justamente a necessidade e a disponibilidade que tem para atender satisfatoriamente, com performances de altíssima qualidade (“máquina de sexo”), as expectativas e as exigências dos sujeitos pagantes. Além disso, ele afirma sua indiferença quanto aos papéis sexuais, evidenciando desse modo o uso do erotismo e do corpo-prostituto excitável posto a trabalhar, sem precisar necessariamente coincidir com alguma identidade sexual e de gênero, conforme pensa Paul Beatriz Preciado (2016) em seu trabalho “Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topográfica e a puta multcartográfica ou como fazer uma cartografia ‘zorra’ com Anne Sprinkle”.

Preciado (2016) concebe o corpo do trabalhador sexual e anônimo no espaço público, pensando-o como uma nova figura de âmbito político e como índice de uma nova cartografia *queer* (não-identitária). Segundo ele, nesses casos, as identidades de gênero e as identidades sexuais deixam de ter relevância, de modo que é “a prática mesma de colocar o sexo para trabalhar no espaço público que define os possíveis vetores cartográficos” (PRECIADO, 2016, p. 17).

O lugar ocupado pelo personagem é o de um corpo-prostituto, profissional do sexo de rua, que obtém dinheiro e/ou ganhos materiais e simbólicos de várias ordens, vivendo exclusivamente da prostituição e engajando-se inclusive em viagens com tal propósito (SANTOS, 2016). Em consonância a isso, o garoto de programa posiciona-se colocando “o sexo para trabalhar”, de modo que sua masculinidade vendida, ao contrário do corpo-prostituto do “paraíba” do outro conto, não proscree o ânus. Esse orifício, tão simbólico ao ser resguardado pela virilidade masculina hegemônica, compõe o corpo do sujeito trabalhador do sexo que se vale dele, não para afirmar sua identidade sexual, mas para usá-lo como zona erógena incluída nos serviços sexuais financiados por outros corpos desejantes.

Ao contrário, no mesmo conto, o garoto de programa Pernambuco, que atende na casa de inúmeros clientes, possui uma conformação diferenciada, comparando-se com o protagonista. A partir da linhagem da maquinaria viril do corpo-prostituto do “paraíba”, representado como “cabra

macho”, homem rude e másculo produzido socialmente no bojo da masculinidade nordestina e fabricado na ideia de macho exacerbado, Pernambuco é descrito como sujeito masculino vocacionado “naturalmente” a exalar sua substância androgênica de virilidade (suor, cheiro de macho) para atrair e dominar as fêmeas, ou melhor, os afeminados, as bichas ávidas para serem subjugadas pela potência do seu órgão genital avantajado.

Denominado no conto como “material soberbo” e “mala” para codificar a importância, imponência do pênis grande, objeto de desejo valorizado e cobiçado também em relações homoeróticas plasmadas na literatura sem ligação com o contexto do sexo monetizado, marca de modo preciso a “materialização na genitalidade”, segundo Rafael Ramirez (1995) em “Ideologias masculinas: sexualidade e poder”, como um dos elementos constituintes do falocentrismo. O pênis, junto com os testículos e o sêmen “ocupam posição de realce nos discursos da sexualidade e se constituem no centro do qual emana o poder” (RAMIREZ, 1995, p. 78).

Por fim, Pernambuco assume a conformação do corpo-prostituto “bem-dotado” encenando ser o mais “heterossexual” dos homens e não permitindo a intimidade de beijos a despeito de ofertas monetárias, capaz de alçar bichas (com sua masculinidade caricatural em virtude do tom hiperbólico) à máxima feminilidade em função do tratamento recebido pelo macho dominador com seu pênis avantajado e potente.

### Considerações finais

A coletânea, última publicação do escritor, apesar do protagonismo dos personagens solteirões (homossexuais mais velhos, inclusive, anunciados no título) abre espaço na quase totalidade das narrativas para a presença do corpo-prostituto – sua constituição/perfil/características, seu *modus operandi* e contexto de motivações e intencionalidades para as suas práticas. Em seis dos oito contos, há uma galeria de rapazes pobres, másculos e muito jovens que monetizam seus corpos em troca de dinheiro e/ou bens materiais e simbólicos adotando diversas práticas.

Há um espectro de práticas. No conto “Muro de silêncio”, embora não saibamos em qual contexto os personagens se conheceram, o relato evidencia uma espécie de relação de difuso “caso” de rentabilidades para o corpo-prostituto. Trata-se de um acordo de “pegação” descompromissada de afetividade pautada em encontros sexuais regulares que resultam em ganhos e vantagens materiais e financeiras para o garoto. O caráter difuso da relação está no fato de não haver uma nitidez entre o desejo espontâneo do rapaz, supostamente heterossexual e os interesses em dividendos de ordem puramente capitalista.

Em “O voluntário”, as ações do corpo-prostituto de Ivo ocorre de duas formas: primeiro na condição de recruta, consciente do assédio e aliciamento do superior hierárquico de corporação, Leocádio, o jovem em busca de emprego, ascensão na carreira militar e realização de viagem ao exterior adota uma postura venal, análoga ao ato de prostituição. Depois, ao decidir morar com Leocádio, obtém moradia e eventuais mimos do parceiro.

A prática do gigolonato é empreendida por rapazes nos contos “O inimigo comum” e “A desforra”. No primeiro, o personagem Otávio entra no “jogo da adoção” com um sexagenário da marinha de maneira explícita, ganhando além de um teto, alguém a sua disposição para lhe oferecer bem-estar e outros ganhos. No outro conto, Laércio assume uma subcategoria na prática do gigolonato, pois, ele não apenas é mantido pelo rico parceiro com uma série de benesses materiais e conforto; ele submete-se, pois é um *toy boy* – um “brinquedo” moldado pelo mantenedor que o objetifica enquanto garoto-troféu a seu dispor e comandos, posteriormente, descartado.

Por fim, nos contos “Paraíba” e “Módulo lunar pouco feliz” é evidenciado como os garotos de programa se constituem em suas práticas sexuais rentáveis – montagem/produção (discurso e corporeidade); a territorialidade (os espaço de prostituição); os deslocamento para o trabalho sexual; o que desejam, como se veem (enxergam suas práticas) e como são vistos por outros personagens; e de que modo ocorrem e quais os desdobramentos resultantes dos encontros entre personagens que inscrevem suas relações no âmbito das trocas econômico/sexuais.

Em todos os contos, as diversas práticas dos corpos-prostitutos (casos eventuais rentáveis; a prática do gigolonato; e a prostituição

institucionalizada no mercado do sexo) evidenciam que há entre os sujeitos envolvidos alguns cruzamentos e tensões envolvendo questões de gênero (o lugar da masculinidade hegemônica e os papéis sexuais); por diferenças etárias (jovens/velhos); e por discrepâncias socioeconômicas.

### Referências

- BARRETO, Victor Hugo de Souza. *“Vamos fazer uma sacanagem gostosa”*: Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói-RJ: EDUFF, 2017.
- DAMATA, Gasparino. Paraíba. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 7-12.
- DAMATA, Gasparino. Módulo lunar pouco feliz. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 15-27.
- DAMATA, Gasparino. Muro de silêncio. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 29-48.
- DAMATA, Gasparino. O inimigo comum. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 49-63.
- DAMATA, Gasparino. O voluntário. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 65-127.
- DAMATA, Gasparino. A desforra. *In*: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 131-158.
- CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. La organización social de la masculinidade. *Isis Internacional – Ediciones de las mujeres*, nº. 24, Santiago, Chile, p. 31-48, jun. 1997. Disponível em: [http://www.sidocfeminista.org/images/books/01079/01079\\_00.pdf](http://www.sidocfeminista.org/images/books/01079/01079_00.pdf). Acesso em: 14 abr. 2018.
- CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, Florianópolis, SC, vol. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X201300010014/24650>. Acesso em: 19 out. 2017.
- FARIAS, Francisco Ramos. Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de programa. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, SC, v. 10, n.1, p. 344-368, jan./jul. 2013.

DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2013v10n1p344>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p344>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro (séculos XVII ao XX)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HOWES, Robert. Solidão e relações de poder na obra de Gasparino Damata. In: COSTA, Horácio [et al.] (Org.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2010. p. 159-168.

LEÃO, Delfim Ferreira. O sexo e a cidade: um caso de prostituição masculina (Ésquines, contra Timarco). In: RAMOS, José Augusto; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões. *A sexualidade do mundo antigo*. Porto: Clássica/Artes gráficas, 2009, p. 293-304.

LOPES, Denilson. Uma história brasileira. In: LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. p. 121-164.

MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. *Configurações do corpo-prostituto: Gasparino Damata, Marco Lacerda e Marcelino Freire*. 2019. 253 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2019a. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28311>. Acesso em: 18 out. 2020.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. Corpo-prostituto. *Revista Crioula*, n. 24, p. 62-76, jun./dez 2019b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2019.162499>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/162499/158693>. Acesso em: 27 set. 2020.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

PRECIADO, Paul Beatriz. Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topográfica e a puta multcartográfica ou como fazer uma cartografia 'zorra' com Anne Sprinkle. *E-Revista Performatus*, Inhumas, ano 5, n. 17, p. 1-32, jan. 2017. Disponível em: <https://performatus.net/traducoes/cartografias-queer/>. Acesso em: 11 abr. 2018.

RAMIREZ, Rafael. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. *In*: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 75-82.

SANTOS, Daniel Kerry dos. *Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações*. 2016. 372 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176690>. Acesso em: 8 mar. 2018.

SCOTT, John. A prostitute's progress: male prostitution in scientific discourse. *Social Semiotics*, Brisbane, Queensland, AU, v. 13, n.º 2, p. 179-199, ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1080/1035033032000152606>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/241677974\\_A\\_Prostitute's\\_progress\\_male\\_prostitution\\_in\\_scientific\\_discourse](https://www.researchgate.net/publication/241677974_A_Prostitute's_progress_male_prostitution_in_scientific_discourse). Acesso em: 14 mar. 2018.

SOUZA NETO, Epitacio Nunes. *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Recife, PE, UFPE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8423>. Acesso em: 7 mar. 2016.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. *In*: COURTINE, Jean-Jacques (org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise? Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 424-453.

Recebido em 10 de Agosto de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.